

Empreendedores sociais em educação: análise da trajetória de quatro jovens**Social entrepreneurs in education: analysis of the trajectory of four young people**

DOI:10.34117/bjdv6n4-435

Recebimento dos originais:25/03/2020

Aceitação para publicação:30/04/2020

Danielle Morreale Diniz

Graduada em Comunicação Social/Publicidade pelo UNI-BH, Especialista em Mídias Sociais – Centro Universitário Una e Mestranda em Educação, Gestão Social e Desenvolvimento Local – Centro Universitário Una.

Centro Universitário Una, Programa de Pós-graduação em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local. Rua Guajajaras, 175, Centro - Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil.

E -mail: danimorreale@gmail.com

Sandra de Fátima Pereira Tosta

Doutora em Antropologia Social pela USP, Professora Visitante da UFOP – Coordenadora do EDUC - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Culturas.

E- mail: sandrapereiratosta@gmail.com

RESUMO

O propósito desse artigo é apresentar a análise dos dados da pesquisa realizada junto aos membros da ONG “Embaixadores de Minas” buscando identificar, descrever e compreender as trajetórias de jovens estudantes de classe popular em suas práticas de empreendedores sociais do projeto “Embaixadores da Escola”, que desenvolvem atividades de educação não formal junto a escolas de ensino fundamental da rede pública de Belo Horizonte- MG. Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se de entrevista em busca da trajetória dos jovens do projeto e optou-se neste contexto, por proceder a técnica de análise sumarizada dos dados coletados. A sumarização também está adequada à forma como foi estruturada a entrevista. Os resultados das análises apontaram que a partir da análise realizada, identificamos as várias questões que se apresentaram aos jovens ao longo do percurso de escolarização e suas escolhas. Desde críticas ao modelo educacional vigente a experiências negativas após a transferência do ensino privado para a rede pública de educação. Observa-se que é o desejo dos entrevistados romper com a cultura de reprodução do conteúdo da educação formal.

Palavras-chave: ONG Embaixadores de Minas. Trajetórias. Educação. Gestão Social.**ABSTRACT**

The purpose of this article is to present the data analysis of the research carried out with the members of the NGO “Embaixadores de Minas” seeking to identify, describe and understand

the trajectories of young students of the popular class in their practices of social entrepreneurs of the “Embaixadores da Escola” project, who develop non-formal education activities with public elementary schools in Belo Horizonte-MG. As an instrument of data collection, an interview was used in search of the trajectory of the young people in the project and it was chosen in this context, to proceed with the summary analysis technique of the collected data. The summary is also appropriate to the way the interview was structured. The results of the analyzes showed that from the analysis carried out, we identified the various issues that were presented to young people throughout the schooling path and their choices. From criticism of the current educational model to negative experiences after the transfer of private education to the public education network. It is observed that it is the desire of the interviewees to break with the culture of reproduction of the content of formal education.

Keywords: NGO Embaixadores de Minas. Trajectories. Education. Social Management.

1 INTRODUÇÃO

O início (desenvolvimento humano, infância e juventude) é importante para qualquer um, afirmou Pierre Bourdieu em entrevista a Maria A. Loyola, professora de Antropologia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) em 1999, ao considerar que formamos nossa personalidade e criamos nossa própria visão do mundo real durante a juventude.

Desde esta perspectiva e a partir de nosso entendimento do conceito de trajetória em Bourdieu, busca-se interpelar a prática da pesquisa social, tendo como premissa básica o reconhecimento de que a percepção do observador se funde àquilo que ele observa e de que a construção sociológica do objeto de investigação feita pelo pesquisador social representa um produto da sua própria relação com este mesmo objeto. Nessa ótica, a construção do conhecimento representa, portanto, um produto de uma trajetória de vida, ou seja, o resultado das conexões materiais e simbólicas exercidas entre e pelos indivíduos agentes deste processo, por meio das quais esses elaboram seus próprios cursos de vida, uns em relação aos outros (CORCUFF, 2001).

Ao reiterar o pressuposto básico de que as experiências de vida dos indivíduos não ocorrem no vácuo, e sim incrustadas em estruturas sociais, (BOURDIEU, 1980; 1989; 1996; 2000), os percursos de vida são concebidos como produto de interações produzidas segundo um movimento dialético. Esse movimento ocorre entre a interioridade e a exterioridade da experiência social como a “dialética da interiorização da exterioridade e da exteriorização da interioridade” (BOURDIEU, 2000, p.163). Sendo assim, a vida dos indivíduos é concebida como resultado da relação que estes estabelecem, a partir das condições materiais e simbólicas de existência, por meio das quais vão estruturar seus modos de agir e de estar no mundo, simultaneamente, como agentes de reprodução, mas, também, de transformação social.

Nesta mirada, o objetivo desse artigo é compreender quais as opções que se apresentaram a quatro jovens oriundos da camada popular, pelas quais eles foram construindo ao longo de seu percurso de escolarização em instituição pública e que os levaram a se envolver com projetos sociais. Neste percurso, que motivações objetivas e subjetivas foram emergindo de suas vivências que os encaminharam a esse compromisso com projetos voltados particularmente para o setor da educação escolar e a desenvolver ações de educação não formal? Quais os papéis da comunidade escolar, família, lazer, religião e esporte nas trajetórias desses jovens? São alguns dos apontamentos que buscamos responder a seguir.

2 O VIÉS DA TRAJETÓRIA DE VIDA NA PERSPECTIVA DE PIERRE BOURDIEU

A contribuição de Bourdieu (2000) representa um avanço nos estudos de indivíduos, a partir da qual as trajetórias individuais podem ser notadas como articuladas a determinadas regularidades sociais observáveis e por meio das quais a sociedade estrutura-se.

De acordo com o sociólogo francês (2000), a experiência social deve ser entendida, em parte, como um processo de incorporação da realidade social objetiva, sob a forma de esquemas disposicionais. Esses esquemas estarão, posteriormente, na origem das percepções, práticas e escolhas realizadas pelos agentes sociais, como uma matriz de pensamento por meio da qual o indivíduo terá como base de orientação de sua ação. A incorporação desses esquemas assegurará, em larga medida, que as ações produzidas decorrerão em um quadro de tendencial ajustamento à realidade com base na qual eles mesmos foram gerados (MARINHO,2017, p. 28).

No pensamento de Bourdieu (2000), a compreensão dos percursos biográficos é indissociável do conceito de *habitus*, que tem como hipótese central que os comportamentos individuais sejam coerentes com as condições materiais e simbólicas por meio dos quais se foram produzindo.

Desse modo, é possível dizer que os percursos sociais tracejados por indivíduos assumem uma morfologia coerente com a ordem social vigente, seja afirmando-a, reproduzindo-a, negando-a; situar o contexto no qual os indivíduos agem, ao longo

do tempo, implica situá-los perante os seus círculos sociais de referência, localizados no espaço social, físico e simbólico (MARINHO, 2017, p.29).

A partir disso, a construção de trajetórias implica aprofundar a análise sobre as condições de existência em que se desenvolve o permanente processo de socialização e aculturação dos agentes sociais, e, no fundo, a sua própria produção enquanto agentes.

A teoria de Bourdieu, portanto, contribui com os estudos das trajetórias dos indivíduos e do grupo em estudo com elementos para refletir, identificar e descrever o percurso desses jovens, ressaltando suas relações simbólicas, sociais, históricas e materiais, como atribuídas às práticas promovidas pela ONG e as implicações a respeito da produção de intervenções sociais que executam atualmente no campo escolar.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO: O TRABALHO DA ONG EMBAIXADORES DE MINAS

O grupo “Embaixadores de Minas” foi criado em 2013 por uma equipe de jovens egressos de escolas públicas e bolsistas do curso técnico em Administração, com ênfase em gestão de negócios e empreendedorismo, realizado concomitantemente ao ensino médio, oferecido pelo centro de formação profissional “Plug Minas”¹, onde tiveram a oportunidade de conhecer e se apropriarem da ideia e dos conceitos do empreendedorismo. O curso técnico em Administração é ofertado pelo Núcleo de Empreendedorismo Juvenil (NEJ), promovido pelo programa “Plug Minas” do Governo do Estado de Minas Gerais em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas² (Sebrae-MG).

Em termos gerais, a proposta do NEJ é formar jovens na área de gestão de empresas, desenvolvendo competências empreendedoras e conhecimentos de administração. O curso oferecido fornece duzentas vagas e tem a duração de um ano. O processo seletivo é realizado por meio de inscrição on-line, prova de conhecimentos de língua portuguesa e matemática, entrevista e dinâmica com os candidatos. O pré-requisito para se candidatar é estar cursando

¹ O PlugMinas é um centro de formação e experimentação digital da Secretaria de Estado de Educação do Estado de Minas Gerais direcionado aos jovens que estudam ou se formaram na rede pública de ensino fundamental e médio de Belo Horizonte ou Região Metropolitana. Tem como objetivo ampliar as oportunidades dos jovens estudantes por meio de programas, projetos de pesquisa e inovações pedagógicas voltadas aos professores que vivenciam o cotidiano da escola integral/integrada.

² O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) é uma entidade privada sem fins lucrativos. É um agente de capacitação e de promoção do desenvolvimento criado para dar apoio aos pequenos negócios de todo o país. Desde 1972, trabalha para estimular o empreendedorismo e possibilitar a competitividade e a sustentabilidade dos empreendimentos de micro e pequeno porte.

ou ter concluído o terceiro ano do ensino médio regular ou pela Educação de Jovens e Adultos – EJA.

Sensibilizados pela conjuntura das escolas públicas e tendo como referência a infraestrutura e as experiências adquiridas durante o referido curso em Administração, esses jovens se reuniram com o propósito de pensar e propor soluções às escolas públicas de Belo Horizonte, especificamente junto aos adolescentes do ensino fundamental – anos finais (5º a 9º anos), a fim de conscientizá-los das possibilidades de se tornarem agentes sociais e de transformação, a partir da busca por soluções de problemas enfrentados nas instituições de ensino e nas comunidades locais.

Pelas informações constantes na página *web*³ do grupo, a insatisfação desses jovens ao perceberem que nem todos os alunos da rede pública teriam acesso às mesmas oportunidades do curso técnico, principalmente pelo número restrito de vagas e das diversas etapas exigidas durante o processo seletivo, foi decisiva para transformarem o conhecimento acumulado em um projeto social que ofereceria práticas socialmente empreendedoras em parceria com unidades escolares.

O projeto se concretizou e após quatro anos de ações realizadas em diversas escolas na capital de Minas Gerais, tendo alcançado centenas de alunos. A ONG foi constituída e formalizada em 2017. Dos onze integrantes iniciais, cinco permanecem atuantes em atividades pela instituição. A proposta da organização mantém-se com o objetivo primeiro de formação empreendedora de alunos de escolas públicas dos últimos anos do ensino fundamental de Belo Horizonte – MG.

Atualmente a ONG oferece os seguintes projetos:

a) Embaixadores da Escola: programa pioneiro que surgiu antes de o grupo se tornar ONG, com o objetivo de promover ações de empreendedorismo social com foco na melhoria da qualidade de vida dos alunos e do desenvolvimento local em que a escola se insere. Tem como público estudantes de escolas públicas, particularmente das últimas séries do ensino fundamental de Belo Horizonte – MG.

b) Formação de Multiplicadores: com o crescimento e a demanda do “Embaixadores da Escola”, emergiu a necessidade de ampliação do número de agentes para a execução dos trabalhos. Assim foi criado o programa de formação de voluntários chamado de

³ Informações gerais do Projeto disponível em: <<https://www.embaixadoresdeminas.com/>>. Acesso em: 12 de jun. de 2019.

“multiplicadores”. O pré-requisito exigido aos candidatos é que tenham entre 18 e 26 anos e que sejam ex-alunos de escolas públicas, com disponibilidade presencial de quatro horas por semana, durante os seis meses de formação;

c) Crie o Impossível: evento de grande porte no formato de palestras, com apresentação de empreendedores que carregam em suas histórias de vidas a superação e a resiliência para empreender por conta própria. Através do *slogan* “Despertando os sonhos de estudantes de escolas públicas”, a proposta tem como finalidade divulgar a ONG e provocar o interesse dos alunos a participarem dos demais programas. A primeira edição aconteceu no ano de 2018, no Estádio Governador Magalhães Pinto, o Mineirão, com a participação de quarenta e sete escolas públicas estaduais de Belo Horizonte e Região Metropolitana, contando com mais de oito mil inscritos.

O programa Embaixadores da Escola destaca pontos importantes referentes às práticas e métodos aplicados da educação não formal, em conformidade com o que descreve Gohn (2006, p. 32) “na educação não formal, as metodologias operadas no processo de aprendizagem partem da cultura dos indivíduos e dos grupos”.

É possível inferir que o programa segue os princípios referidos pela autora, dado que o seu processo de operação é comumente organizado em sete módulos, nomeadamente: “conexão”, “inspiração”, “diálogo”, “sonho coletivo”, “transpiração” e “decolagem”. A proposta para a elaboração do conteúdo é feita de forma participativa pelos próprios atores da ONG e com os alunos e a coordenação de cada instituição escolar, com atenção para a realidade cultural, social e econômica, bem como as necessidades e os problemas enfrentados na comunidade. Na etapa “sonho coletivo”, pais e funcionários também participam na identificação e seleção de um problema principal, que se tornará “o sonho coletivo da comunidade”.

Por meio de atividades chamadas por eles de empreendedorismo social, o problema se torna o principal projeto, que deve ser solucionado até o término da execução do programa. As atividades ocorrem por meio de jogos, dinâmicas, palestras, trocas de conhecimento e desafios. Em todos os módulos é realizada uma avaliação para inclusão de conteúdos inéditos que despertem o interesse dos adolescentes, criando um ambiente seguro para que possam se expressar. A ideia é aproximar a proposta da realidade dos alunos de forma a criar espaços que promovam o livre diálogo a que, em geral, os alunos não têm acesso dentro da escola.

Desse modo, o trabalho corrobora com a explicação de Gohn (2006, p. 32), em sua concepção metodológica de educação não formal:

O método nasce a partir de problematização da vida cotidiana; os conteúdos emergem a partir dos temas que se colocam como necessidades, carências, desafios, obstáculos ou ações empreendedoras a serem realizadas; os conteúdos não são dados a priori. São construídos no processo. O método passa pela sistematização dos modos de agir e de pensar o mundo que circunda as pessoas. Penetra-se, portanto, no campo do simbólico, das orientações e representações que conferem sentido e significado às ações humanas.

As ações do Projeto ora apresentado também podem ser consideradas como empreendedoras sociais, conforme a perspectiva de Melo Neto e Fróes (2002), quando os autores associam as iniciativas que visam retirar as pessoas da situação de risco, assumindo posturas de participação, inovação e atuação social.

A educação não formal associa-se às atividades propostas pelos Embaixadores de Minas na medida em que se apresenta como oportunidade para que escola se aproprie de sua capacidade de exercer sua autonomia e reinvente a educação, rumo à realidade e individualidade de seus alunos e ao resgate da cultura de sua comunidade local.

Em 2014, a ONG foi agraciada pela Prefeitura de Belo Horizonte com o prêmio “BH Cidade Educadora – Parceiros da Escola Integrada”, que destaca ações que contribuem com a educação de crianças e adolescentes. Em 2017, a *Brazil Foundation*⁴ também premiou o projeto pelas suas ações educacionais.

A premiação da *Brazil Foundation* ao projeto foi uma quantia em dinheiro, e foi com esse dinheiro que o grupo formalizou o projeto enquanto ONG, abrindo caminho para acelerar sua expansão que já ocorria desde 2013. Em 2018, já ampliava as atividades para mais de 21 escolas municipais, em diversas regiões de Belo Horizonte.

Premiações que evidenciam o reconhecimento nacional e internacional do trabalho da ONG, tanto que no segundo semestre de 2018 a organização passou a ser patrocinada mensalmente por empresas privadas, tendo como contrapartida a divulgação das marcas chanceladas em seus uniformes e materiais de apoio. A ONG encontra-se neste ano de 2020

⁴ A *Brazil Foundation* é uma ONG internacional que trabalha com uma rede global de apoiadores e possui como missão mobilizar recursos para ideias e ações que transformem o Brasil.

em processo de expansão e pretende ampliar o número das escolas atendidas pelo programa Embaixadores da Escola e elaborar novos projetos com foco nos alunos das escolas públicas.

4 GESTÃO SOCIAL, DESENVOLVIMENTO LOCAL E INOVAÇÃO SOCIAL

Desde o século passado até os dias atuais, a gestão social e o desenvolvimento local têm sido assuntos pautados por diversas áreas acadêmicas, preocupadas em compreender o “local” em meio a uma conjuntura “global”. Atrelado a esses conceitos, a inovação social surge como uma estratégia para potencializar as ações nos diversos contextos, visando atender às demandas que emergem a partir da troca de experiências por meio de alternativas criativas e viáveis que promovam bem-estar social, respeitando a diversidade e cultura locais. Assim, a inovação social ganha sustentação reticular em conjunto com diferentes atores que fomentam e apoiam a inovação, dinamizando o desenvolvimento do território (BITTENCOURT; RONCONI, 2016).

Nesse sentido, gestão social, desenvolvimento local e inovação social se fundem a partir da cooperação dos atores, da inteligência coletiva e a produção de conhecimento a partir da experimentação social, articuladas com a práxis de desenvolvimento não só possibilita a ampliação do poder local como efetiva gestões mais democráticas nos diversos contextos sociais.

Para Freitas; Freitas e Ferreira (2016, p. 290), a gestão social “remete a um processo em que os próprios indivíduos se tornam sujeitos sociais, expressando, nos atos de linguagem, suas demandas e anseios, e aproximando o Estado do verdadeiro sentido do “social” que caminha junto com a gestão pública”.

Segundo Tenório (1997; 1998), a gestão social é o conjunto de processos sociais no qual a ação gerencial se desenvolve por meio de uma ação negociada entre seus atores, perdendo o caráter burocrático em função da relação direta entre o processo administrativo e a múltipla participação social e política.

Brant Carvalho (2013) corrobora com Tenório (1997; 1998) quando ressalta que:

A Gestão Social refere-se fundamentalmente à governança das políticas e programas sociais públicos; intervém na qualidade de bem estar ofertada pela nação; na cultura política impregnada no fazer social; nas prioridades inscritas na agenda pública; nos processos de tomada de decisão e implantação de políticas e programas sociais; nos processos de adesão dos sujeitos implicados. Guarda, (assim) um caráter

retotalizador no conjunto das variáveis, constrangimentos, oportunidades, processos e projetos políticos que dão direção e forma a gestão das ações sociais públicas (BRANT CARVALHO, 2013, p. 43).

Nesse sentido, a participação dos cidadãos, de forma compartilhada e cooperativa para que haja discussões em todos os níveis hierárquicos, nas diversas questões sociais, pois, o compartilhamento do poder dá ao cidadão a capacidade de influir sobre o uso de determinado recurso, por exemplo, visando qualidade de vida e desenvolvimento humano (CAMARGOS, 2016). Com efeito, é possível dizer que tal participação contribui para a construção e ampliação do poder local a partir de práticas inovadoras.

Desse modo, um projeto de desenvolvimento local, independentemente de seu conceito e método, necessita de uma gestão e tem uma estreita vinculação com os processos educativos que acontecem em dada comunidade (MARTIN; THOMAZI, 2014).

Ainda de acordo com Tenório et al. (2008), o desenvolvimento local deve se dar por meio de processos participativos nos quais a cidadania, de forma individual ou por meio de seus diferentes agentes na sociedade civil, se constitui como o diálogo com o poder público, os cidadãos e o mercado para propor soluções planejadas em prol do local/regional.

Esses processos pressupõem uma gestão do local inovadora que visa o desenvolvimento. Segundo Senhoras e Takeuchi (2005), o local define onde acontece a relação para o estabelecimento das ações, mas, essas ações não podem ficar confinadas, pois, o desenvolvimento sustentável e inovador implica uma inclusão social, que ultrapassa o local. Daí decorre uma relação clara entre o desenvolvimento local, gestão social e inovação social.

Desenvolvimento local pode ser entendido como um processo de transformação que envolve o ser humano como “o principal beneficiário dessa mudança, numa perspectiva de melhoria da qualidade de vida de uma coletividade ou grupo de pessoas que fazem parte de uma comunidade” (CASTILHO; ARENHARDT; LE BOURLEGAT, 2009, p. 1). Ou seja, ações efetivas dos indivíduos em prol da comunidade em que estão inseridos, opinando, participando ativamente das tomadas de decisões.

Sobre essa relação, os autores ainda pontuam um caminho possível:

O desenvolvimento local parte da perspectiva da valorização humana como sujeito de seu próprio desenvolvimento. A práxis do desenvolvimento pode ser entendida como o exercício para uma ação mais efetiva que envolve o indivíduo por meio da

práxis comunitária na qual se encontra face a face com a comunidade. Assim, o indivíduo como ser social que pertence a uma classe ou grupo social, tem um espaço em que pode se exprimir, argumentar, criticar, denunciar, dialogar, exigir, reivindicar e transformar a sua realidade (CASTILHO; ARENHARDT; LE BOULEGART, 2009, p. 160).

Desse modo, compreende-se que o fio que une a gestão social e o desenvolvimento local e a inovação social é a comunidade que tanto atua como agente condutora da mudança e também como beneficiária.

Para Borges, et al. (2015) o conhecimento é abordado como sendo coletivo e socialmente produzido e como insumo primário na geração de inovações, sendo a colaboração e compartilhamento do conhecimento entre diversos atores o ingrediente indispensável na geração de inovações sociais. Isto significa, portanto, novos conhecimentos e ideias, novas formas de gestão, que tem por finalidade a superação das demandas sociais nas mais diversas áreas por meio da cooperação e participação de todos os envolvidos promovendo a transformação local.

Delgado (2016) ainda aponta alguns elementos essenciais para que uma iniciativa seja considerada uma inovação social, tais como: a promoção de justiça social, apresentação de soluções para os problemas reais das pessoas, ser uma ideia nova para um contexto e promover uma mudança na situação atual para melhor.

Diante das reflexões acerca da gestão social e desenvolvimento local e inovação social, e a partir das informações coletadas em campo, é que será possível verificar a atuação desses agentes sociais e os seus reflexos na formação dos sujeitos habitantes de locais de vulnerabilidade social, apontando os esforços de um trabalho que envolve a busca de resgate de cidadania ainda que diante de recursos limitados, muitas vezes não reconhecidos e desvalorizados pela sociedade, mas respeitados e admirados nos limites das escolas e das comunidades onde se inserem.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa realizada na qual este texto se fundamenta, é de natureza qualitativa, mais precisamente, o estudo de Trajetórias, cujo conjunto de métodos possui a finalidade de conduzir a investigação científica para a reflexão e o apontamento das percepções evidenciadas no processo de sua realização (MARTINS, 2004).

Para Pierre Bourdieu (1983), a pesquisa sociológica deve procurar ter em relevância a técnica e a reflexão teórica como instrumentos do rigor científico, mas, ao mesmo tempo, deve o investigador ser seu principal crítico, colocando a prática em questionamento permanente. Essa retomada pela reflexividade, então, religa dois aspectos tratados por Martins (2004) e André (2001) em relação às problemáticas evocadas pela subjetividade e representatividade na pesquisa qualitativa.

O *design* da pesquisa foi o uso da técnica de coleta de dados, a entrevista em busca da trajetória dos jovens do projeto “Embaixadores da Escola”. Como se trata de uma pesquisa que envolve a participação de seres humanos, o projeto foi cadastrado na Plataforma Brasil para envio ao Comitê de Ética da Una pautado nas resoluções de nº 466/2012 e nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, e recebeu parecer de aprovação sob o nº 26562119.9.0000.5098.

No intuito de preservar a identidade dos sujeitos entrevistados, optou-se pelo uso dos seguintes nomes fictícios: João, Juliana, Maria e Paulo conforme é possível observar a seguir:

Quadro 1 – Identificação dos participantes da pesquisa

Nome	Idade	Gênero declarado	Cor/Raça declaradas	Natural de:	Reside atualmente	Escolaridade
João	Entre 18 a 24 anos	Não declarado	Negro	Itaúna/MG	Bairro periférico de Belo Horizonte	Ensino superior incompleto
Juliana	Entre 18 a 24 anos	Feminino	Negra	Belo Horizonte/MG	Bairro periférico de Belo Horizonte	Ensino superior completo
Maria	Entre 18 a 24 anos	Feminino	Branca	Belo Horizonte/MG	Bairro de Classe média de Belo Horizonte	Ensino superior completo
Paulo	Entre 18 a 24 anos	Masculino	Branco	Belo Horizonte/MG	Bairro de Classe média de Belo Horizonte	Ensino superior completo

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2020).

A escolha dos quatro jovens se deu à partir da disponibilidade de cada um, e o objetivo foi o de compreender a trajetória desses jovens oriundos de escolas públicas que se tornaram agentes do projeto social da ONG “Embaixadores de Minas”. Assim, foram realizadas entrevistas presenciais com roteiro aberto, de forma individual, em horários pré-estabelecidos por eles e mediante autorização prévia.

6 APRESENTAÇÃO DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Optou-se neste contexto por proceder a técnica de análise sumarizada dos dados coletados. Segundo Mayring (2000, p. 472), na técnica de sumarização, “o objetivo da análise é o de reduzir o material de tal maneira que ficam os conteúdos essenciais, de criar, por meio de abstração um *corpus*, que continua sendo um retrato do material básico”.

A sumarização também está adequada à forma como foi estruturada a entrevista. Por considerar aspectos múltiplos da trajetória dos entrevistados, essa técnica de análise também possibilita o agrupamento dos dados em categorias, como procedemos a seguir:

7 EDUCAÇÃO DOS FAMILIARES E O PAPEL DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO DOS JOVENS

Conhecer a relação dos pais e irmãos desses jovens com a educação é parte importante para identificar os elementos que conduziram esses jovens a se tornarem empreendedores na esfera social. Entre os quatro entrevistados, apenas o pai de Maria tem nível superior e, assim como a filha, também faz trabalho social. Os pais de João terminaram o ensino médio e possuem ainda formação técnica em contabilidade.

O caso da jovem Juliana é o mais específico entre os quatro: o pai, já falecido, era analfabeto e a mãe concluiu o ensino fundamental. Paulo, por sua vez, aponta que sua mãe concluiu os estudos através do EJA, enquanto seu pai estudou até a 4ª série do ensino fundamental e não teve interesse em retomar os estudos posteriormente.

Entre os que têm irmãos, observa-se uma mudança no padrão escolar em relação aos pais. A maioria deles tem ao menos o ensino médio completo, sendo que há duas pessoas com nível superior e uma ainda em idade escolar básica. A exceção fica por conta de uma irmã de Juliana que só tem o ensino fundamental completo. Entre os entrevistados, apenas João ainda não concluiu o ensino superior.

A partir da análise das informações obtidas junto aos entrevistados, observamos claramente um aumento na escolaridade nas últimas gerações. Isto pode ter relação com outro dado importante: apenas Maria mencionou ter tido mais liberdade para fazer ou não as tarefas de casa. Os outros receberam auxílio dos pais para as tarefas domésticas e para a prosseguirem nos estudos, ainda que eles próprios não tenham concluído os estudos. Veremos a seguir, como os jovens avaliam seus desempenhos durante a vida escolar.

8 AUTO AVALIAÇÃO NA ESCOLA E DESEMPENHO ESCOLAR

Sobre a auto avaliação do desempenho escolar, Paulo e Juliana consideram que foram ótimos alunos durante toda a trajetória no ensino. Maria acredita ter sido boa aluna enquanto estava no ensino privado, caindo de desempenho ao ir para o ensino público, especialmente por causa de mudanças no comportamento: não se dedicava mais às tarefas nem prestava atenção nas aulas. João se considera um aluno mediano.

Quando questionados sobre o que seria um bom aluno, as respostas ajudam a explicar a visão que tinham de si mesmos como alunos. Paulo fez referências ao rendimento escolar e a notas altas, de forma semelhante à Maria, que acrescenta o bom comportamento como característica fundamental de um bom aluno. João diz que seu entendimento sobre o que seria um bom aluno mudou com o amadurecimento e com a experiência no empreendedorismo social. Para ele, ter pensamento crítico é tão importante quanto obter as boas notas.

Juliana faz uma importante distinção entre um bom estudante e um bom aluno. Para ela, um bom estudante é aplicado no dia a dia da escola, tira boas notas. E um bom aluno seria aquele que está além disso, que absorve os conteúdos de forma a se desenvolver em outras esferas da vida, além da educacional.

Sobre as memórias dos professores que tiveram, Paulo citou de forma positiva duas professoras, pelo incentivo e pela dedicação profissional. Entretanto, teceu críticas ao modelo educacional que, em sua visão, não é capaz de desenvolver e avaliar todas as qualidades do indivíduo.

Maria teve experiências positivas com professores enquanto estava no ensino privado. Porém, ao se transferir para o ensino público, a relação com os professores ficou ruim, principalmente por sua insatisfação com a escola em si.

João citou experiências positivas com professoras que desenvolveram atividades extracurriculares e o incentivaram a conquistar seus objetivos. No curso técnico, admirava muito uma professora que tinha imagem de uma “super-heroína” para ele, por motivar os alunos em sala de aula e ainda se interessava em saber sobre a trajetória de vida de cada aluno. Entretanto, teve experiência negativa com a direção da escola num caso de agressão sofreu de outro colega.

Juliana relatou ter tido um bom relacionamento com os professores em função do seu bom desempenho nas atividades escolares. Sendo negra, relatou como algo negativo a questão do racismo presente na relação com alguns professores e colegas da escola. Além dos aspectos educacionais no percurso familiar dos entrevistados, conhecer qual era a situação financeira

da família durante a idade escolar ajuda a entender os fatores externos que podem influenciar nas condições que os jovens tinham para estudar.

9 SITUAÇÃO FINANCEIRA ONTEM E HOJE

Ao considerarmos a noção de campo estabelecida por Bourdieu (1980) no qual o espaço social estudado seria um lugar cujos capitais (social, cultural, religioso, etc.) serviriam como importantes indicadores das posições ocupadas nesse sistema, conhecer a situação financeira desses jovens empreendedores é pertinente para o estudo, pois a escassez de recursos financeiros é um dos grandes entraves na estrutura simbólica das trocas de conhecimento na sociedade brasileira, afetando diretamente as condições oferecidas aos jovens para avançar nos estudos.

Paulo mencionou passar muitas dificuldades financeiras na infância, relatando desemprego do pai e muitas dificuldades para alimentação, inclusive. A situação melhorou por volta de 2007, época em que o país acelerou economicamente. Nos dias de hoje, afirma não passar dificuldades financeiras.

Igualmente, Maria relatou passar pelas mesmas dificuldades, tendo, inclusive, passado pela dura experiência da fome. Informou que começou a trabalhar ainda na adolescência para ajudar a contornar a situação econômica da família, que acredita ter acontecido também em função da falta de planejamento com os recursos de que dispunham. Nos dias de hoje, a situação financeira ainda não é estável, mesmo com os rendimentos do projeto. Ela afirma sofrer com estresse e ansiedade em razão dessa circunstância. Porém, se sente muito realizada profissionalmente e não deseja ter vínculo empregatício na iniciativa privada.

João afirmou não se lembrar de problemas financeiros na infância. Contudo, observou queda no padrão de vida ao se transferir de Itaúna para Belo Horizonte. Durante o ensino fundamental em Belo Horizonte, teve a iniciativa de vender doces na escola para comprar algo além do que os pais conseguiam prover. Atualmente, busca complementar a renda com trabalhos fora do projeto social.

Juliana também relatou problemas financeiros na infância, mencionando o alcoolismo do pai como um fator que contribuiu para isto. Começou a trabalhar na adolescência para ajudar a contornar os problemas. Hoje em dia não se considera em dificuldade financeira.

Observa-se que, à exceção de João, todos os outros relatam muitos problemas financeiros na infância. Atualmente, apenas Maria citou ainda ter dificuldades financeiras para

arcar com todos os seus custos. Como veremos no próximo tópico, a escassez de recursos também impactou em outras atividades da vida dos jovens, como o lazer.

10 LAZER NA INFÂNCIA E NOS DIAS ATUAIS

Entre as memórias de lazer na infância, as reuniões com a família e com outros parentes estão presentes no discurso de todos os entrevistados. Brincadeiras com os irmãos e primos em casa, visitas aos avós ou parentes em outras cidades também foram citadas.

Esses momentos de lazer são também lembrados como os responsáveis por memórias agradáveis da infância. Esses momentos foram importante alicerce para a formação desses jovens. Nas brincadeiras de faz-de-conta inclusive, foram citadas profissões como no caso de Paulo que sempre brincava de ensinar alguma coisa, assim como Juliana que gostava de ser médica.

Fora os momentos de lazer na infância, Paulo mencionou frequentar a biblioteca para aprender mais sobre História e também ia à igreja presbiteriana. Juliana desenhava, lia e escrevia muito, além de treinar a fala como se estivesse ensinando.

Nos dias de hoje as atividades de lazer são bem variadas entre os participantes. Paulo afirmou assistir séries no pouco tempo que tem disponível. Maria mencionou amar ler, estar com os amigos, ver filmes, e também fazer trilhas, estar na natureza. João afirmou se reunir com amigos, família e sair com o namorado. Já Juliana investe em atividade física no tempo livre.

Essas memórias se relacionam intimamente com as motivações e desejos que os levaram a empreender na área educacional. A seguir, sintetizamos algumas dessas motivações.

11 MOTIVAÇÕES PARA A ATIVIDADE DE EMPREENDEDORISMO SOCIAL

Vários elementos da trajetória dos entrevistados são motivadores para o engajamento deles no empreendedorismo social na área de educação. O primeiro deles, certamente, é a crítica à qualidade e à estrutura do ensino formal. Os quatro entrevistados relataram em algum momento insatisfação com a escola.

Além disso, todos tiveram passagem por atividades extracurriculares, como aulas de dança, projetos de ONGs e do SEBRAE. Afora que os entrevistados se conheceram no projeto Plug Minas, com suas características de um curso de formação com metodologia inovadora, com grande incentivo ao empreendedorismo dos jovens. Ou seja, é possível afirmar que a

passagem pelo Plug Minas foi o que catalisou as críticas à educação formal reunindo os entrevistados para desenvolver um projeto de educação não formal.

A experiência dos entrevistados no ensino formal e em projetos extracurriculares os levaram a desenvolver um pensamento crítico orientado para uma transformação da realidade que afeta muitos jovens, que é transcender o aprendizado seguindo apenas o currículo obrigatório para o desenvolvimento de mais habilidades dos jovens em idade escolar.

O entendimento do que é o empreendedorismo para os entrevistados apresenta muita subjetividade em seus argumentos. No caso de Paulo, ele não se considera um empreendedor social, mas sim integrante de uma ONG, pois apesar de trabalhar para a solução de um problema, não há retorno lucrativo no projeto ao afirmar que:

Eu acho que isso se dá de diferentes maneiras, tem pessoas que vão criar modelos de negócio híbridos que tem pacto social e ainda gera lucros. E tem pessoas que vão criar ONGs que é o meu caso. Por exemplo que não tem lucros etc. e que vai trabalhar em tecnologia social, para poder desenvolver aquele problema (PAULO).

Maria aponta outra direção, desvinculando a noção de empreendedorismo social do lucro e entende com clareza que não está numa ONG:

E eu acho, que eu considero o embaixador da educação, eu nos considero empreendedores sociais, porque a gente tem uma visão empreendedora de pacto de fazer as coisas e tudo mais. Antes eu achava que o é empreendedorismo social estava muito ligada a gerar fontes própria de receita, então realmente você transformar sua ONG ou de seu projeto de impacto em um negócio financeiramente viável, hoje não, acho que qualquer projeto que transforma de maneira disruptiva ele é empreendedor socialmente (MARIA).

João entende o empreendedorismo social exclusivamente pelo objetivo de transformar vidas, e que cada indivíduo transformado possa replicar isso e ampliar o alcance do projeto. Não argumentou a respeito de receitas e lucros de um empreendimento, por exemplo. Juliana entende o empreendedorismo social como algo muito recente para apresentar uma explicação, mas assume que *“esse empreendedorismo social assim... é um empreender de vida mesmo, é um empreender empoderar aquele cara, empoderar em massa, inspirar massa”*.

Sobre o contato dos entrevistados com políticas e programas sociais de incentivo à educação, afirmaram conhecer algumas iniciativas como cotas e bolsas. Nada obstante, preferem manter distância de tais iniciativas para que os embaixadores atuem segundo objetivos próprios do empreendimento, sem a influência de algo já estabelecido. Consideramos que isto representa a visão inovadora necessária ao jovem empreendedor da área social, apontando uma ruptura com a reprodução do discurso de assistencialismo que normalmente permeia as políticas e programas sociais.

12 PERSPECTIVAS FUTURAS E SONHOS

Para completar a análise da trajetória e dos campos sociais em que se inserem os entrevistados e o projeto social exercido por eles, é importante observar as perspectivas futuras deles assim como o que entendem por sonho.

Sobre o futuro do empreendimento, Maria estabelece metas bastante claras: quer atingir 1 milhão de jovens de instituições públicas em cinco anos (a entrevista foi realizada no ano de 2019) e mais a longo prazo deseja ter sustentabilidade financeira para o negócio, constituindo um fundo para garantir as operações da instituição por três anos.

Em contrapartida, Paulo se concentra mais em se aproximar da área acadêmica e de outras empresas, ao mesmo tempo em que espera também investir na melhoria da metodologia de ensino para aumentar o número de colaboradores. Embora não tenha mencionado números, observa-se o desejo de expandir o alcance do projeto, assim como Maria.

Como membro da diretoria e participante ativo das ações do projeto, João também almeja sustentabilidade financeira a longo prazo. Com isso, espera ter mais estabilidade para as todas funções, seja na esfera administrativa, financeira, ou ainda no relacionamento com o público.

As expectativas de Juliana têm valor sentimental e simbólico para sua vida. Por estar dedicada exclusivamente ao projeto, imagina ver pessoas de perfis mais diversos como embaixadores no futuro da ONG. Menciona ainda, que desejaria ver especificamente “*um novo perfil de mulher, uma mulher mãe, aplicando a metodologia para jovens, com outro olhar, outra carga de experiência, trajetória ainda maior, você ali ainda se dedicando e eu olho falo assim: poxa estou aqui ainda sabe estou muito disposta*”.

Questionados sobre os sonhos que teriam, os jovens tiveram percepções distintas sobre o significado disso. Paulo ressaltou que é uma pergunta complexa e que está em processo de reformulação de seus sonhos, por ter dificuldade em estabelecer o que é sonho e o que é um

desejo. No entanto, acredita que contribuir para o empoderamento dos jovens do ensino público como embaixador e mudar o Brasil é um sonho.

Juliana afirma que já vive o sonho de estar numa ONG que transforma a vida das pessoas, mas quer que ela se torne “a maior ONG do mundo”, com propósito real e “essência de verdade”. Já João tem como sonho promover transformações significativas na trajetória das pessoas através do projeto ao dizer que: ,

O meu sonho é que as pessoas tenham consciência sobre a sua própria história, sobre a onde estão. Esse é o meu propósito. É fazer com que as pessoas façam essa reflexão, e tenham conhecimento, como chegar até aqui, porque estão aqui, para onde tem que ir (JOÃO).

Observa-se o entrelaçamento entre o futuro como empreendedores sociais ou voluntários e os sonhos dos entrevistados. Em todos os casos, a realização do sonho está alinhada ao sucesso do empreendimento, tanto em relação aos aspectos técnicos e operacionais como mencionaram Maria e Paulo, quanto em relação à transformação na vida dos jovens do ensino público como Juliana e João.

13 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise realizada, identificamos as várias questões que se apresentaram aos jovens ao longo do percurso de escolarização e suas escolhas. Desde críticas ao modelo educacional vigente a experiências negativas após a transferência do ensino privado para a rede pública de educação. Observa-se que é o desejo dos entrevistados romper com a cultura de reprodução do conteúdo da educação formal.

O estudo revela ainda que, para além das críticas à estrutura da educação pública, os empreendedores depositam no projeto suas experiências de vida e em outras iniciativas não formais de educação. As dificuldades financeiras pelas quais passaram durante a infância aliadas ao aprendizado que tiveram no projeto Plug Minas norteiam a busca por transformar a vida de outros jovens.

No âmbito pessoal, cabe ressaltar que a principal motivação para seguirem em frente é seguir mudando a realidade dos jovens pobres inseridos na rede pública de ensino. Nesse ponto, a noção de empreendimento se perde um pouco ao associarem o sucesso do projeto com a realização dos sonhos. Sendo assim, ao olharmos para a trajetória desses jovens, fica

evidente que a opção por se envolverem de modo tão decisivo nesse empreendimento social reflete a necessidade transformar a si mesmos enquanto transforma o campo ao qual estão inseridos. Compreende-se que a atividade de empreender é experimental e fundamentalmente social, realinhando as experiências em relação ao contexto, transformando-o e sendo transformado por ele.

O ato de empreender é visto como um processo de aprendizagem que, através da prática, transforma as identidades e as habilidades dos jovens para mudar tudo ou alguma coisa, para mudar a si próprios. A ação empreendedora se constitui a partir da trajetória de participação, ou seja, a partir de histórias pessoais na relação com a história de sociabilidade, conectando o passado ao futuro, num processo tanto individual como coletivo. Nesta perspectiva, é possível dizer que o estudo a respeito das trajetórias permitiu tal conclusão, uma vez que todo processo de conhecimento se fundamenta em experiências, interpretações e o modo de como se produz uma narrativa não tratando como verdade absoluta.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. **Cadernos de pesquisa**, nº 113, p. 51-64, julho, 2001. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010015742001000200003&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 28 de ago. de 2019.

BITTENCOURT, Bernadete de L.; RONCONI, Luciana Francisco de A. Políticas de inovação social: o caso da bolsa e Terras. **Rev. Adm. Pública** — Rio de Janeiro 50(5):795-818, set./out. 2016. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/rap/v50n5/0034-7612-rap-50-05-00795.pdf>>. Acesso em 28 de ago. de 2019.

BORGES, Michele A.; DELGADO, Ana S.; COSTA, Luciano A.; AGUIAR, Ranieri Roberth S. de.; DANDOLINI, Gertrudes A.; SOUZA, João A. Inovação social: uma gênese a partir da visão sistêmica e teoria da ação comunicativa de Habermas, 2015. **Fourth International Conference On Integration Of Design, Engineering And Manegement For Inovation**. Florianópolis, Sc, Brazil, October 07-10, 2015. Disponível em:
<<http://janainaramos.com.br/idemi2015/anais/01/143699.pdf>>.

Acesso em 28 de nov. de 2019.

BOUDIEU. Pierre. **Le sens pratique**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.

_____. Épistémologie et méthodologie. In: BOURDIEU, Pierre. **Le métier de sociologue**. Préalables épistémologiques. 4ª Ed. Paris: École des hautes études en science sociales, 1983. Cap. 1, p. 11-26.

_____. **Razões práticas**. Sobre a teoria da ação. 11ª Ed. Campinas: Papirus, 1996. 224 p.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BRANT CARVALHO M. Gestão social e políticas públicas: uma questão ainda em debate no século XXI. In: JUNQUEIRA, L. A. P.; DIAS, S. L. F. G, WANDERLEY, M. B., MENDONÇA, P. (Org.). **Gestão social: mobilizações e conexões**. São Paulo. LCTE, 2013

CAMARGOS, Daniela Aguiar. Descentralização, poder local e participação social: perspectivas para construção de uma nova cultura política. III Colóquio de ética, filosofia política e direito. UNISC 2016. Disponível em:

<<http://docplayer.com.br/69661033-Descentralizacao-poder-local-e-participacao-social-perspectivas-para-a-construcao-de-uma-nova-cultura-politica.html>>. Acesso em 3 de out. 2019.

CASTILHO, Maria Augusta de; ARENHARDT, Mauro Mallmann; LE BOURLEGAT, Cleonice Alexandre. Cultura e identidade: os desafios para o desenvolvimento local no assentamento Aroeira, Chapadão do Sul, MS. **Interações**, v. 10, n. 2, 2009. p. 159-169. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/inter/v10n2/v10n2a04>>. Acesso em 20 de nov. de 2019.

CORCUFF, Philippe. **As Novas Sociologias**. Bauru-SP: EDUSC, 2001.

DELGADO, Ana Alexandra S. Framework para caracterizar a inovação social sobre seus processos. **Tese** (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento. Florianópolis, SC, 2016. 253 p. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/169663/342968.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 15 de out. de 2019.

FREITAS, A.F., FREITAS, A.F., FERREIRA, M.A.M. Gestão social como projeto político e prática discursiva. Cad. EBAPE.BR, v. 14, nº 2, Artigo 3. Rio de Janeiro, abr./jun de 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cebape/v14n2/1679-3951-cebape-14-02-00278.pdf>>. Acesso em 19 de set. de 2019.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio**: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>>. Acesso em 25 de jul. 2019.

LOYOLA, Maria Andrea. **Entrevista Pierre Bourdieu, 1999**. Disponível em: <<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/video/showVideo.php?video=13140>>. Acesso em 18 de nov. de 2019.

MARINHO, Marco Antônio Couto. Trajetórias de Vida: um conceito em construção. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**. vol. 3 nº 17. 2017. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/revistaich/article/view/15710>>. Acesso em 25 de out. 2019.

MARTINS, H. H. D. S. Metodologia Qualitativa de Pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, maio/agosto, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07.pdf>>. Acesso em 25 de out. 2019.

MARTINS, Natham Ribeiro.; THOMAZI, Áurea Regina Guimarães. Gestão social e desenvolvimento local: princípios, conceitos e possíveis relações com o Terceiro Setor. **Revista Tecer**, v7, n12, p.15-22.2014. Disponível em:

<<http://www.bibliotekevirtual.org/index.php/2013-02-07-03-02-35/2013-02-07-03-03-11/296-rt/v07n12/2336-v07n12a02.html>>. Acesso em 14 de set. de 2019.

MAYRING, P. Qualitative content analysis. **Forum: Qualitative Social Research. Budapest**, v.1, n.2, p.1-10, 2000. Disponível em: <<http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/viewArticle/1089/2385>>. Acesso em 18 de jan. 2020.

MELO NETO, Francisco Paulo de; FROES, César. **Empreendedorismo Social: a transição para a sociedade sustentável**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

SENHORAS, Elói; TAKEUCHI, Kelly Pereira. A Gestão pública entre a competição e a solidariedade: desvendando as estratégias do desenvolvimento local. **Anais**. Segundo Simpósio de Excelência em Gestão e tecnologia – SEGeT – 2005.

TENÓRIO, Fernando (org.). **Gestão de ONGs: principais funções gerenciais**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

_____. Gestão social: uma perspectiva conceitual. **Revista de Administração Pública**, v.32, n° 5, p.7-23, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/7754/6346>>. Acesso em 7 de out. de 2019.

_____.et al. Critérios para a avaliação de processos decisórios participativos deliberativos na implementação de políticas públicas. *In*: Encontro de Administração Pública e Governança, 3, 2008, Salvador. **Anais...** Curitiba: ANPAD, 2008.